


Silêncio e formação de leitores em *Migrantes*, de Issa Watanabe

Silence and Reader Formation in “Migrants”, by Issa Watanabe

El Silencio y la Formación de Lectores en “Migrantes”, de Issa Watanabe

Denize Terezinha Teis¹

 0000-0001-5619-9328

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir sobre o papel do silêncio na formação de leitores críticos e sensíveis, analisando o livro ilustrado *Migrantes*, de Issa Watanabe (2019), como *corpus* de estudo. A pesquisa apoia-se no referencial teórico de Bajour (2012, 2023), Petit (2009) e nas concepções do Grupo de Pesquisa em Educação Literária (GPEL/UFPE), que compreendem a educação literária como prática formativa, ética e estética. Metodologicamente, trata-se de uma análise qualitativa e interpretativa das escolhas visuais e narrativas da obra, com ênfase na construção de sentidos pelo silêncio gráfico, pelos contrastes cromáticos e pelos símbolos recorrentes (galhos, mala, ave azul e morte). Os resultados indicam que a ausência de texto verbal desafia o leitor ainda mais a praticar a leitura dos silêncios, exigindo maior engajamento na construção de sentidos, na elaboração subjetiva das emoções e no diálogo crítico com a narrativa. O silêncio em *Migrantes* emerge como recurso expressivo e dispositivo ético, convidando o leitor a uma fruição lenta e a um “tempo aiônico” que resiste à lógica produtivista. A análise evidencia que obras visuais silenciosas ampliam a sensibilidade estética e a consciência crítica, reforçando a necessidade de projetos institucionais de educação literária que acolham múltiplas linguagens e promovam experiências de leitura significativas para além do espaço escolar formal.

PALAVRAS-CHAVE: Silêncio; Educação Literária; Migrantes.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the role of silence in the development of critical and sensitive readers, having the picture book *Migrants*, by Issa Watanabe (2019), as its corpus of analysis. The research is based on the theoretical framework of Bajour (2012, 2023), Petit (2009), and concepts of the Research Group on Literary Education (GPEL/UFPE), which understand literary education as a formative, ethical, and aesthetic practice. Methodologically, it consists of a qualitative and interpretive analysis of the book’s visual and narrative choices, emphasising meaning-making through graphic silence,

¹ Doutora em Letras. Docente do Curso de Letras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – campus Pato Branco. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Literária (GPEL/UFPE). E-mail: denizeteis@utfpr.edu.br

chromatic contrasts, and recurring symbols (such as branches, suitcase, blue bird, and death). The results indicate that the absence of verbal text further challenges the reader to especially engage in the reading of silences, demanding greater involvement in constructing meaning, subjectively elaborating emotions, and engaging in critical dialogue with the narrative. Silence in *Migrants* emerges as an expressive resource and ethical device, inviting slow appreciation and a “kairotic time” that resists the logic of productivity. The analysis shows that silent visual works enhance aesthetic sensitivity and critical awareness, reinforcing the need for institutional literary education projects that embrace multiple languages and promote meaningful reading experiences beyond the formal school setting.

KEYWORDS: Silence; Literary education; *Migrants*.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el papel del silencio en la formación de lectores críticos y sensibles, tomando como corpus de análisis el libro ilustrado “*Migrantes*”, de Issa Watanabe (2019). La investigación se fundamenta en el marco teórico de Bajour (2012, 2023), Petit (2009) y en las concepciones del Grupo de Investigación en Educación Literaria (GPEL/UFPE), que comprende la educación literaria como una práctica formativa, ética y estética. Metodológicamente, se trata de un estudio cualitativo e interpretativo centrado en el análisis de las elecciones visuales y narrativas de la obra, con énfasis en la construcción de sentidos a partir del silencio gráfico, los contrastes cromáticos y los símbolos recurrentes (ramas, maleta, ave azul y muerte). Los resultados indican que la ausencia de texto verbal intensifica el desafío del lector ante la necesidad de “leer los silencios”, exigiendo un mayor compromiso en la construcción de sentidos, en la elaboración subjetiva de las emociones y en el diálogo crítico con la narrativa. En *Migrantes*, el silencio emerge como recurso expresivo y dispositivo ético, que invita a una fruición lenta y a un “tiempo aiónico” en resistencia a la lógica productivista. El análisis evidencia que las obras visuales silenciosas amplían la sensibilidad estética y la conciencia crítica, reforzando la necesidad de proyectos institucionales de educación literaria que integren múltiples lenguajes y promuevan experiencias de lectura significativas más allá del espacio escolar formal.

PALABRAS CLAVE: Silencio; Educación literaria; *Migrantes*.

Introdução

A formação de leitores capazes de dialogar sensivelmente com a literatura, atentos às suas dimensões críticas e estéticas, constitui um dos maiores desafios contemporâneos no campo da educação. Em um contexto social marcado pela rapidez das transformações, pela sobrecarga informacional e pela lógica produtivista, como analisa Petit (2009), torna-se fundamental repensar as práticas de leitura, reafirmando seu papel de reconstrução subjetiva e de resistência às adversidades. Como criar, nesse cenário, espaços de leitura que acolham a pausa, o silêncio e a escuta profunda? E de que maneira sustentar, no ato de ler, a delicadeza que o tempo contemporâneo parece ter desaprendido?

Diante dessas questões, repensar a educação literária exige ir além de

métodos tradicionais e considerar perspectivas que valorizem a experiência estética e ética da leitura. A educação literária, conforme compreendida no âmbito do Grupo de Pesquisa em Educação Literária (GPEL), vai além da visão da literatura como objeto de ensino escolar. Entendida como prática formativa, ética e estética, ela se compromete com a construção de experiências sensíveis, significativas e transformadoras, capazes de despertar no leitor uma relação viva com a linguagem. Essa concepção se baseia em princípios como a fruição estética, a vivência da literatura como experiência de mundo, a curadoria intencional de obras e a valorização da oralidade, da corporeidade e da multiplicidade de linguagens (Bajour, 2023; Dalvi, 2013; Yunes, 2003).

Diferentemente da leitura escolar tradicional, muitas vezes pautada em exercícios de compreensão imediata e avaliação objetiva, a leitura literária exige tempos de pausa, de escuta e de elaboração interior. Como lembra Bajour (2023), o silêncio que permeia a fruição de imagens, as pausas entre as palavras e a contemplação dos espaços em branco nas narrativas são dimensões essenciais para o desenvolvimento de uma relação mais profunda e crítica com o texto.

A autora afirma que "o silêncio nunca é o vazio, mas a respiração entre as palavras" (Bajour, 2023, p. 109), e que o não dito, longe de significar ausência, é matéria viva na construção do sentido literário. Nesse espaço, a literatura se abre para múltiplas interpretações, permitindo que o leitor não apenas leia, mas também elabore subjetivamente o que está presente e, sobretudo, o que permanece "suspenso no ar". O silêncio e o não dito, dessa forma, não se apresentam como lacunas a serem preenchidas mecanicamente, mas como convites à escuta atenta e à criação partilhada de sentidos, princípios que Bajour (2023) identifica como centrais na formação do leitor literário.

Este artigo propõe-se, nessa perspectiva, a refletir sobre o papel do silêncio na formação de leitores críticos e sensíveis, tomando como referência a obra *Migrantes*, de Issa Watanabe, inteiramente composta por ilustrações e que narra a jornada de um grupo de animais antropomorfizados forçados a abandonar sua terra natal. Em meio a cores vivas sobre um fundo negro, eles atravessam florestas e mares, enfrentando perdas, perigos e incertezas, enquanto a morte e uma ave azul

os acompanham silenciosamente. Sem oferecer respostas prontas, *Migrantes* universaliza a experiência migratória, simbolizando memória, esperança e solidariedade, e convidando o leitor a refletir criticamente sobre deslocamento, sobrevivência e a condição humana. Por ser composto apenas por imagens, a narrativa abre espaço para múltiplas interpretações e evidencia que a educação literária ultrapassa a leitura da palavra, constituindo-se como prática formativa que promove a construção de sujeitos éticos e sensíveis diante da literatura e do mundo.

Compreendido esse panorama, a próxima seção aprofundará o entendimento sobre o silêncio na literatura, aqui considerado como central para a experiência estética.

O silêncio na literatura

O silêncio costuma ser associado à ausência de comunicação. No entanto, na literatura, ele adquire um papel profundamente ativo, especialmente quando observado sob a perspectiva da educação literária. Longe de significar vazio ou passividade, o silêncio nas obras literárias, seja no intervalo entre palavras, na ausência de texto verbal ou nos espaços em branco das páginas, funciona como um recurso expressivo e um terreno fértil de construção de sentidos e de envolvimento estético.

O silêncio, nessa perspectiva, é condição para a escuta ativa e para a elaboração subjetiva dos sentidos que o texto sugere, mas que não determina de forma explícita. Afinal, "na linguagem artística não existe silêncio absoluto, mas a possibilidade de se calar com as palavras, com as imagens, com os sons" (Bajour, 2023, p. 116). Dessa forma, a leitura se transforma em convite à pausa, à contemplação e ao acolhimento do não dito, elementos fundamentais para formar leitores atentos, criativos e sensíveis. Quando se lê um livro que permite a mobilização de múltiplos sentidos, há momentos em que se ergue a cabeça num gesto de contemplação, é um instante em que o silenciamento atua, para ouvir o que as palavras, e o que está além delas, nos sussurram (Bajour, 2012).

Essa percepção do silêncio como parte viva da experiência estética está

alinhada a estudos recentes sobre mediação literária com bebês e crianças pequenas, como o de Heinig, Rosa e Rodrigues (2024). Para as autoras, a escuta sensível e a valorização do silêncio são essenciais para a formação do leitor, pois permitem que o sujeito tenha tempo para construir sentidos próprios a partir de uma relação intensa e respeitosa com o texto. Nesse cenário, destaca-se a importância do chamado “tempo aiônico”, definido por Kohan e Vigna (2013 *apud* Heinig; Rosa; Rodrigues, 2024) como um tempo qualitativo, marcado pela intensidade da experiência, que se opõe à lógica produtivista do tempo cronológico. Incorporar essa perspectiva ao trabalho pedagógico significa resistir à aceleração típica do ambiente escolar contemporâneo, permitindo que as crianças experimentem um tempo qualitativo de encontro com a obra.

Nos livros ilustrados e nas narrativas silenciosas, por exemplo, o leitor é convidado a assumir um papel ativo na construção do enredo (Bajour, 2023). Sem a condução de uma narrativa verbal linear, é o próprio olhar que organiza a sequência dos acontecimentos, interpreta as emoções das personagens e preenche os vazios com sua imaginação. O silêncio, longe de ser ausência, funciona como motor da “escuta ativa” e da produção de sentidos que ultrapassam a mera decodificação das palavras (Bajour, 2012).

Esse modo de olhar o silêncio, como escuta ativa, rompe com práticas escolares tradicionais que, ao tratar o silêncio como ausência de participação, buscam preenchê-lo com respostas rápidas, canções de comando ou instruções disciplinares. Ao contrário, a educação literária que reconhece o valor do silêncio compreende que ele é um tempo de “gestação interior”, no qual o texto literário provoca o leitor a uma escuta mais profunda e atenta. Para Bajour (2023, p. 106), “ver o silêncio como vazio, como omissão, é deixar na linguagem, na palavra, apenas a possibilidade de ruído”. Assim, longe de ser mero espaço a ser preenchido, o silêncio funciona como matéria viva e significativa, um convite para que, entre palavras e imagens, entre ditos e não ditos, a experiência estética se expanda e o leitor se torne mais reflexivo e sensível.

Além disso, o silêncio na literatura pode operar como um dispositivo ético. Em narrativas que abordam temas delicados como guerras, perdas, migrações e

exclusões, o não dito preserva o espaço para a elaboração emocional do leitor, respeitando seu tempo de reflexão e oferecendo a possibilidade de interpretações abertas e plurais. Segundo Bajour (2012, p. 36), "nem todos os silêncios precisam ser preenchidos, menos ainda aqueles que constituem o modo de ser de gêneros como o fantástico, o humor absurdo e a poesia".

Assim, aquilo que é silenciado carrega em si a potência daquilo que pode ser escutado, sentido e ressignificado a partir da vivência individual e coletiva da leitura. É nesse jogo entre palavra e intervalo, imagem e ausência, que a literatura convida o leitor à construção ativa de sentidos, "não para seguir as regras, mas para violá-las", como inspira Carlos Fuentes, citado por Bajour (2012, p. 18).

Essa concepção se manifesta em obras como *Migrantes*, de Issa Watanabe, em que a ausência de texto verbal não empobrece a narrativa, mas amplia suas possibilidades interpretativas, fazendo do silêncio a matéria narrativa da história.

Refletir sobre o papel do silêncio na literatura é, portanto, compreender que a formação do leitor não se dá apenas pelo compartilhamento de conteúdos ou pela interpretação explícita dos textos, mas também pela construção de uma escuta estética e ética. Assim, o silêncio não interrompe a leitura, mas a sustenta. É um cuidado que se tem pela complexidade de cada obra e pela singularidade de quem lê.

O Silêncio na Obra *Migrantes*

Considerando o silêncio como elemento constitutivo da literatura, conforme aponta Bajour (2023), nota-se que ele não é um vazio, mas um espaço ativo de construção de sentido, presente nas práticas concretas de leitura. *Migrantes* (2019), de Issa Watanabe, é um exemplo de livro de imagens que transforma o silêncio em linguagem e convoca o leitor a elaborar significados para além da palavra escrita².

Na obra, as imagens "falam" por si mesmas, sugerindo emoções, tensões e histórias não verbalizadas, que estimulam o leitor a observar atentamente, refletir e

² A escolha de um livro de imagens busca evidenciar como o silêncio pode transformar-se em matéria narrativa. Contudo, livros que combinam linguagem verbal e visual, ou que utilizam apenas a linguagem verbal, também apresentam silêncios significativos que podem ser investigados.

elaborar seus próprios significados. Nessa perspectiva, o silêncio, como recurso estético e ético, se concretiza nas escolhas visuais da narrativa, em que a ausência de texto verbal abre espaço para múltiplas camadas interpretativas e propicia ao leitor participar ativamente da construção de sentidos.

A obra apresenta qualidade estética e coerência, evidenciadas na progressão narrativa que conduz o leitor por uma sequência visual cuidadosamente organizada, com ritmo, pausas e retomadas de sentido. Esse arranjo visual instiga o leitor a preencher lacunas, gerando uma experiência estética e crítica (Bajour, 2023). A organização das imagens traduz metaforicamente a experiência migratória, feita de avanços incertos, interrupções forçadas e reinícios constantes.

Um recurso central para essa coerência são os galhos e árvores que acompanham o percurso do grupo de migrantes, representados por animais antropomorfizados. Essa escolha amplia o alcance universal da narrativa, pois evita associações étnicas, culturais ou territoriais específicas. Elefantes, flamingos, peixes, ursos, raposas, entre outros animais, funcionam como metáforas da pluralidade e da diversidade humana, sugerindo que a migração é uma experiência coletiva, compartilhada e que atravessa fronteiras de espécie, cultura e geografia.

A guarda do livro (figura 1 – p. 1)³ apresenta caules e galhos de árvores em tons verdes e azuis que se prolongam verticalmente sobre um fundo negro. O uso de cores frias (verde e azul) sobre o fundo preto pode sugerir um ambiente perigoso e amedrontador, antecipando para o leitor uma travessia marcada pela incerteza e pelo risco, o que se alinha à ideia de que o silêncio na literatura não explicita diretamente as tensões, mas as sugere e convida o leitor a percebê-las.

As cores frias sobre o fundo preto constroem um cenário tenso. Elas preparam o leitor para uma travessia em que o invisível e o não dito pesam tanto quanto aquilo que se vê. Os galhos das árvores ultrapassam os limites da página, entrelaçando-se e expandindo-se lado a lado, o que cria uma sensação de movimento contínuo. Não há delimitação da mancha gráfica na parte superior nem nas laterais do livro, o que impede o leitor de saber ao certo o que já foi percorrido e

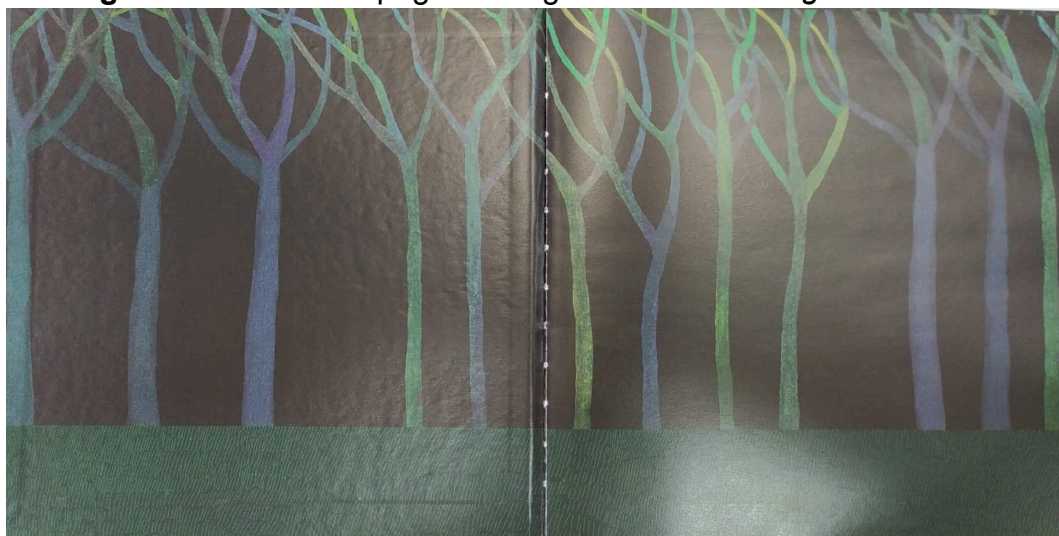
³ As páginas do livro *Migrantes* não são numeradas. As imagens são sempre organizadas em páginas duplas, e, para fins de análise neste trabalho, cada página dupla será numerada de acordo com sua ordem de aparecimento no livro, apenas como recurso de localização para o leitor.

o que ainda resta percorrer. Essa imagem inicial funciona como um prenúncio da narrativa, sugerindo a ideia de algo que não tem fim claramente definido.

Além disso, o fato de os galhos penderem para a esquerda pode ser interpretado como um recurso visual que intensifica a sensação de insegurança e vulnerabilidade do grupo que avança carregando perdas e memórias. Essa direção dos galhos pode evocar o risco constante de retrocesso, como se o passado, as perdas ou o perigo pesassem sobre eles e ameaçassem puxá-los de volta, reforçando a ideia de que o progresso é frágil e incerto.

O efeito visual, portanto, reforça o peso emocional da travessia, lembrando que não se trata apenas de um deslocamento físico, mas de uma jornada marcada por medo, dor e expectativa, em que o futuro é incerto e cada passo exige força e esforço. Nessa cena, o silêncio da obra pode ser lido na imagem que se expande para além da página e nos galhos que se entrelaçam, permitindo que o leitor intua dimensões invisíveis da travessia, como os caminhos incertos e tortuosos que marcam a vida de um migrante, a indefinição sobre quando começa ou termina sua saga e a busca incessante por um território onde seja possível sobreviver. Assim, os galhos podem ser interpretados como metáfora das dificuldades e da instabilidade que acompanham a experiência migratória. O leitor de *Migrantes*, talvez, levante a cabeça num gesto de contemplação para se questionar: o que será que ficou para trás? O que os migrantes seguem carregando diante da necessidade de prosseguir?

Figura 1 – Cena das páginas da guarda da obra *Migrantes*



Fonte: Watanabe (2019, p. 1).

A relação entre vida e morte também se manifesta em outras escolhas visuais, notadamente na cena em que o urso encara a morte (figura 2 – p. 9). As flores aparecem coloridas, evocando beleza, esperança e continuidade da vida, mesmo diante de sua finitude. Porém, na mesma imagem há árvores e folhas em preto e branco que se localizam na parte da página onde está a personagem que representa a morte, criando uma relação direta entre a personagem e a simbologia da morte. Essa escolha cromática reforça que a vida e a morte coexistem no mesmo espaço narrativo, representadas pela vegetação florida do lado do urso e pela vegetação seca e preto e branca junto à figura da morte. A túnica amarela usada pela morte adiciona outra camada de significado: o amarelo, frequentemente associado a alerta (por exemplo, no caso do sinal de trânsito), pode sugerir que a morte, embora traga a ideia de fim, também aponta para transformação e passagem (Silva; Dantas; Cordeiro, 2022, p. 76).

Além disso, o urso na cena não está antropomorfizado, ao contrário dos outros animais ao longo da obra. Ele surge em estado selvagem, nu, sem traços humanos, como se representasse algo universal diante da fragilidade de qualquer ser vivo frente à morte. Esse despojamento reforça o impacto do encontro com a finitude, pois lembra ao leitor que a morte não é apenas uma experiência humana ou cultural, mas uma realidade comum a todos os seres vivos, que atravessa fronteiras

de espécie, linguagem e cultura. Em outras palavras, o urso sem traços humanos torna o momento mais direto, cru e universal, intensificando o peso emocional da cena. O contraste abre um espaço interpretativo, um silêncio que “fala” (Bajour, 2023), que convida o leitor a imaginar o não dito e a perceber a tensão entre esperança e perda, continuidade e finitude. Por isso, o silêncio não aparece apenas como ausência, mas como espaço fértil de elaboração subjetiva, dependente das experiências do leitor e das memórias que ele mobiliza para atribuir sentido ao que não é mostrado (Bajour, 2023, p. 84).

Figura 2 - Cena do urso encarando a morte.



Fonte: Watanabe (2019, p. 9).

Essa reflexão sobre vida e finitude se amplia com outro símbolo recorrente: a ave azul que acompanha silenciosamente a morte (figura 4 – p. 3). Sua aparição enigmática opera como símbolo ambivalente: o azul, em diversas tradições culturais, associa-se à transcendência, à esperança e à mediação entre mundos (Ferreira, 2014). Nesse contexto, a ave pode ser lida como guia espiritual ou sinal de continuidade mesmo diante da perda (Moreman, 2014), reforçando que *Migrantes* não entrega respostas definitivas, mas provoca o leitor, por meio do silêncio gráfico, a imaginar e sentir para além do visível. Esse diálogo entre símbolos e silêncio mostra como *Migrantes* usa imagens para falar de ética sem dizer palavra alguma.

Na representação da morte, Watanabe rompe com convenções: em vez da

figura sombria e ameaçadora, a morte aparece com um manto floral colorido, que evoca renovação, dignidade e continuidade da vida. Essa escolha visual aproxima a personagem de referências culturais latino-americanas e valoriza memória e identidade. Ao suavizar o impacto da figura para o público, a autora transforma a morte em presença inevitável, mas não monstruosa, permitindo que o tema seja abordado de forma sensível e respeitosa.

Esses elementos simbólicos dialogam com os contrastes cromáticos da vegetação, que alterna entre florescimento e esvaziamento de cor. É o que ocorre em passagens em que a vegetação surge apenas em preto e branco (figura 3 – p. 15), nas quais a narrativa constrói a ideia de perda, luto ou exaustão do grupo. Essa alternância entre florescimento e esvaziamento cromático funciona como um marcador poético das emoções que atravessam os migrantes, promovendo uma dualidade entre vida e morte, esperança e dor, presença e ausência. Esse contraste visual reforça a materialidade silenciosa do texto (Bajour, 2023), isto é, o que não é mostrado explicitamente também comunica, sugerindo uma presença ausente que o leitor precisa completar. Trata-se de um recurso que pode ser compreendido como um silêncio gráfico, que estimula o leitor a construir sentidos próprios. Ao recorrer ao preto e branco em vez das cores vibrantes, a autora não apenas marca o peso emocional da cena, mas também amplia o potencial estético da obra, permitindo que cada leitor imagine, sinta e atribua significados de acordo com sua própria sensibilidade (Bajour, 2023).

Figura 3 - Cena da vegetação em preto e branco.



Fonte: Watanabe (2019, p. 9).

Outro recurso visual que merece destaque é a mala, que atravessa toda a história. Na marcha inicial (figura 4 – p. 3), ela surge pela primeira vez e está presente em diferentes momentos da narrativa. Diferentes personagens carregam suas malas, sugerindo trajetórias individuais, memórias e responsabilidades distintas. A mala também está presente também na cena final, quando é carregada por um dos personagens (figura 5 – p. 16). No entanto, em sua primeira aparição, a mala está deixada no chão, no canto inferior direito da página dupla. Esse detalhe abre espaço para questionamentos do leitor: teria sido deixada por alguém que partiu? Por alguém que morreu? Ou por alguém que não conseguiu mais suportar seu peso? Assim, a permanência desse objeto do início ao fim da narrativa funciona como fio condutor simbólico: o que se carrega não é apenas material, mas também memória, identidade e esperança, elementos invisíveis que o silêncio preserva e amplia na interpretação do leitor, alinhando-se com o que aborda Bajour (2023) de que o não dito sustenta a história tanto quanto o que é mostrado.

Figura 4 - Cena em que a mala aparece pela primeira vez.



Fonte: Watanabe (2019, p. 3).

Figura 5 - Cena final



Fonte: Watanabe (2019, p. 16).

Na figura 6 – p. 5, a morte aparece segurando a mala diante do grupo de animais antropomorfizados, como se quisesse saber a quem ela pertence. Essa cena mostra que a morte não está apenas ligada à ideia de fim, mas também atua como mediadora, devolvendo ao grupo aquilo que foi deixado para trás e instigando-o a lidar com essa herança. Esse gesto silencioso a transforma em agente ativo do enredo, sinalizando que a travessia migratória carrega não apenas corpos em deslocamento, mas também histórias interrompidas e lembranças que

exigem cuidado. A mala, nesse caso, funciona como um repositório simbólico, podendo representar tudo o que não pôde seguir viagem como memórias, afetos ou até vidas interrompidas. Ao recolocar esse objeto diante dos personagens, a morte obriga o grupo a encarar não só a perda, mas também a responsabilidade de continuar carregando memórias, identidades e sentidos.

No lado direito da página dupla (figura 6 – p. 5), os personagens animais antropomorfizados se amontoam em cores vivas, atentos ao objeto que lhes é apresentado. Seus olhares, gestos e roupas expressam comportamentos e emoções tipicamente humanos, como surpresa, tensão ou reconhecimento. Nesse ponto, a ausência de qualquer explicação verbal sobre quem é o dono da mala ou o que ela guarda transforma o silêncio em linguagem visual, abrindo espaço para que cada leitor preencha esse vazio com sua própria interpretação. Como aponta Bajour (2023), trata-se de um silêncio expressivo, um espaço ativo e vivo de elaboração subjetiva, no qual o leitor é convidado a imaginar, sentir e atribuir significado para além do que está visível na página.

Figura 6 - Cena em que a morte carrega a mala.



Fonte: Watanabe (2019, p. 5).

Portanto, galhos, vegetação, ave azul, morte e mala unem e organizam a narrativa, criando um ritmo poético semelhante a versos visuais. Esse ritmo se manifesta nas mudanças de atmosfera e emoção sugeridas pelas imagens, fazendo

com que cada página funcione como uma pausa ou um avanço na travessia. Ao mesmo tempo, esses elementos transformam a história em uma experiência semiótica: cada cor, forma e objeto atua como um signo carregado de significado, convocando o leitor a interpretar e completar o que não é dito, preenchendo os silêncios com sua imaginação. Em outras palavras, cada transformação dos ramos, flores e objetos contribui para que o leitor perceba as mudanças de atmosfera, desde a marcha inicial até a pausa de descanso, o confronto com a morte e, por fim, a chegada em outro espaço que sugere esperança. Esse diálogo entre o que é mostrado e o que permanece implícito confirma a observação de Bajour (2023, p. 84) de que o silêncio e a linguagem fazem parte de uma única trama dialógica, na qual todos estão implicados. Assim, o sentido da narrativa emerge não apenas das imagens apresentadas, mas também daquilo que é sugerido e precisa ser reconstruído pelo leitor.

A progressão narrativa torna-se ainda mais evidente no desenvolvimento da história. Primeiro, a marcha coletiva de animais antropomorfizados, avançando juntos em deslocamento, marca o início da travessia e introduz o sentimento de coletividade e esperança. Em seguida, uma pausa em que os personagens aparecem exaustos e o tempo parece suspenso aprofunda o desgaste físico e emocional da jornada, funcionando como uma respiração narrativa que convida à contemplação. De modo especialmente impactante, a cena diante do mar (figura 7, p. 14) mostra os sobreviventes parados à beira da água, cercados por destroços que sugerem um naufrágio. Não há corpos visíveis, mas o vazio à esquerda e os fragmentos espalhados sinalizam a perda e o leitor pressupõe que alguns personagens se afogaram. Ao não mostrar as mortes, a obra transforma essa ausência em silêncio com significado poético e ético. O aspecto ético aparece no cuidado ao tratar o tema com delicadeza e respeito. Já o poético se manifesta na abertura para múltiplas interpretações. Dessa forma, a obra faz do silêncio uma linguagem plena de sentido (Bajour, 2023, p. 86).

Figura 7 - Cena dos animais após o naufrágio



Fonte: Watanabe (2019, p. 14).

Vê-se que *Migrantes* é uma obra repleta de camadas interpretativas, o que amplia sua força estética e poética. A ausência de palavras não representa vazio, mas amplia a liberdade de leitura, permitindo que cada leitor construa narrativas próprias, atribua sentidos diversos às cenas e formule hipóteses sobre o destino dos personagens (Bajour, 2023).

Dessa forma, a leitura de *Migrantes* confirma que o silêncio, longe de ser ausência, é uma linguagem potente capaz de articular ética, estética e imaginação. Ao mobilizar símbolos visuais, contrastes cromáticos e espaços não ditos, Watanabe (2019) promove uma experiência narrativa que motiva o leitor a participar da construção de sentidos da obra, preenchendo as lacunas com sua sensibilidade e conhecimentos de mundo. O silêncio, nesse contexto, abre caminhos para uma educação literária que valoriza a escuta atenta, a reflexão crítica e a formação de sujeitos éticos e sensíveis.

Considerações finais

A análise de *Migrantes*, de Issa Watanabe, permite constatar que o silêncio não é ausência, mas uma linguagem que permite que o leitor construa seus próprios sentidos. Devido às imagens carregadas de simbolismo, aos contrastes de cores e

aos espaços deixados em aberto, a obra expressa sensibilidade estética. Esse movimento ecoa as reflexões de Bajour (2023) e as realizadas durante os encontros do Grupo de Pesquisa em Educação Literária (GPEL), que entendem a educação literária não apenas como ensino formal de literatura, mas como um conjunto mais amplo de práticas formativas presentes em diferentes contextos sociais e culturais, entre os quais a escola ocupa um lugar importante.

Por isso, o silêncio de *Migrantes* não é apenas um detalhe estético. Ele convida o leitor a um tipo de fruição mais lenta que contrasta com a pressa do mundo contemporâneo. Dessa maneira, é necessário criar projetos institucionais de educação literária que abram espaço para experiências literárias. É preciso garantir momentos reais de encontro com o texto que deem espaço a experiências significativas de leitura como o contato com obras que instiguem a contemplação silenciosa, a partilha de interpretações em rodas de conversa, a fruição estética desacelerada e a conexão afetiva com memórias e vivências dos leitores, em espaços culturais, bibliotecas comunitárias ou ambientes virtuais colaborativos, para além do espaço escolar formal. Esse entendimento reforça a ideia de que a literatura visual tem papel formativo importante na construção de leitores críticos.

Assim, ao incorporar o silêncio como recurso narrativo, a obra *Migrantes* oferece aos leitores a oportunidade de experimentar a literatura como um espaço ético e estético, com ênfase ao não dito. Naturalmente, outras leituras de *Migrantes* podem revelar interpretações que este artigo não aborda, e é justamente essa abertura que mantém viva a força da obra e do silêncio que a constitui. Para professores e mediadores de leitura, reconhecer esse silêncio ajuda a promover uma educação literária que ultrapassa a sala de aula, acolhe diferentes culturas e ajuda a formar leitores atentos e sensíveis ao mundo em que vivem.

Referências

BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta na formação de leitores*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, C. (org.). *Cartografias dos encontros: a leitura literária na escola*. 2. ed. Lauro de Freitas: Editora Solisluna, 2023.



DALVI, M. A. *Literatura e formação: estudos sobre leitura literária na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FERREIRA, C. M. *O simbolismo do azul em Ernesto Penafort*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: <http://www.uea.edu.br>. Acesso em: 12 set. 2025

HEINIG, O. L. de O. M.; ROSA, L. O. da; RODRIGUES, E. M. de S. O papel da professora na mediação literária com os bebês. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 19, p. 1-22, 2024. DOI: <https://dx.doi.org/10.7867/1809-03542022e11839>.

MOREMAN, C. M. On the relationship between birds and spirits of the dead. *Society & Animals, Leiden*, v. 22, p. 1–22, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/15685306-12341328>. Acesso em: 12 set. 2025.

PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SILVA, C. A. P.; DANTAS, I. J. M.; CORDEIRO, R. B. A loucura em amarelo: uma análise da cor na construção literária em O papel de parede amarelo. *Revista FSA*, Teresina, v. 19, n. 6, p. 72–89, jun. 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/361448156>. Acesso em: 10 set. 2025.

WATANABE, I. *Migrantes*. Barcelona: Libros del Zorro Rojo, 2019.

YUNES, E. *Leitura e formação*. São Paulo: Global, 2003.

*Recebido em: 22 set. 2025.
Aprovado em: 20 out. 2025.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: Isaque Bispo Adriano
Revisor(a) de língua inglesa: Bruna Oliveira Braz
Revisor(a) de língua espanhola: Beatriz Grenci*

